

## ROSÁRIO EM FESTA: REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E FÉ

Ariel Lucas Silva<sup>1</sup>  
Vanessa Marques da Silva<sup>2</sup>  
Christiane Pitanga Serafim da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho buscou analisar as representações e as mediações culturais percebidas na Festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade do Serro - Minas Gerais. A Festa do Rosário é uma manifestação cultural tricentenária que apresenta características de patrimônio imaterial articuladas pelas práticas comunicativas que constituem identidades coletivas. A pesquisa que deu origem a esta comunicação teve como objetivo central investigar, junto aos elementos simbólicos e identitários constitutivos Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro, como as práticas comunicativas decorrentes de seus ritos e performances, possuem um papel fundamental na sua preservação e promoção. Tratava-se de se entender a importância das práticas comunicativas percebidas na Festa como elementos estratégicos na sua consolidação como Patrimônio Cultural Imaterial da cidade.

**Palavras-chave:** festa do rosário; práticas comunicativas; representação; identidade cultural.

### Introdução

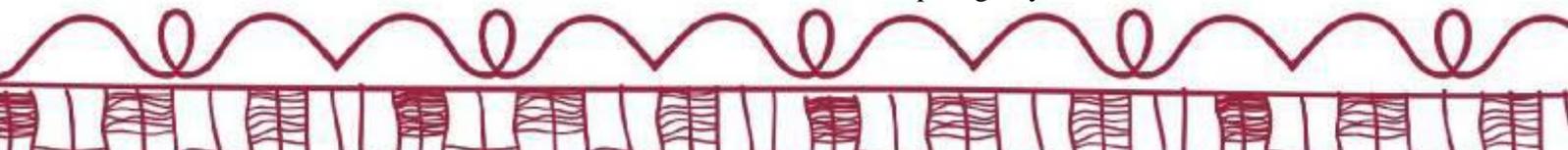
Considerando o desafio do objetivo proposto - investigar, junto aos elementos simbólicos e identitários constitutivos Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro, como as práticas comunicativas decorrentes de seus ritos e performances, possuem um papel fundamental na sua preservação e promoção - e diante da riqueza cultural da Festa

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando em Projetos Editoriais Impressos e Multimídia pelo Centro Universitário UNA. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial pela Faculdade Promove de Minas Gerais, email: ariellivros@gmail.com.

<sup>2</sup> Pós-Graduanda em Projetos Editoriais Impressos e Multimídia pelo Centro Universitário UNA. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial pela Faculdade Promove de Minas Gerais, email: marquespsd@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Mestre em Comunicação do Curso de Comunicação Social da Faculdade Promove de Minas Gerais, email: chrispitanga@yahoo.com.br



de Nossa Senhora do Rosário da cidade do Serro, a abordagem qualitativa sugeriu que se buscasse uma postura metodológica que permitisse ao objeto empírico, a Festa, assumir um lugar central e gerador do processo de procura das respostas, evitando-se seu confinamento a um lugar passivo e ilustrativo.

A primeira etapa da pesquisa foi constituída pelo levantamento bibliográfico e a discussão acerca dos principais eixos temáticos: cultura, representações, mediações, identidades culturais e práticas comunicativas, assim como um levantamento documental (Estatuto da Irmandade do Serro) e de fontes secundárias como publicações e material em áudio, para se retratar historicamente a Festa de Nossa Senhora do Rosário e a lenda de Nossa Senhora do Rosário. Em um segundo momento, foi feita a pesquisa de campo, com entrevistas em profundidade com Ari Gonçalves Almeida, presidente da Irmandade do Serro, e Nelson Cezário, chefe do grupo de dançantes Catopês, além da observação participante, realizada durante a festa na cidade do Serro, em julho de 2008. A articulação entre essas diferentes estratégias facilitou significativamente a compreensão da festa.

Ao final da pesquisa, ficou claro como as diferentes formas e processos de comunicação na Festa, possuem um papel estratégico em sua manutenção há mais de 300 anos. Os elementos ritualísticos da Festa se configuram como identitários porque são partilhados por meio de práticas comunicativas próprias. O simbólico, o performático e o comunicativo são como dimensões interligadas e podem ser reconhecidas no repique dos sinos, que vêm anunciar à cidade o início dos festejos; no som da Caixa de Assovios, que representa os gemidos dos escravos nas senzalas; nas batidas dos tambores, que relembram os momentos de festas e comemorações dos negros; nas indumentárias, as composições de cores, de bijuterias, penas e maquiagem que os grupos de dançantes utilizam; no requinte com que o Reinado desfila pelas ruas, exibindo suas vestes, as coroas e todo o cortejo que o segue, representando a hierarquia existente entre a Corte Portuguesa e os escravos há mais três séculos. Todas essas práticas e elementos identitários deixam estampados o singular equilíbrio entre o coletivo compartilhado e que se impõe a todos e a manutenção do espaço de cada indivíduo, elemento central dentro do ritual que compõe os festejos. Tudo em meio a muitas cores que encantam e comunicam, com um único objetivo: homenagear a Virgem do Rosário.

## **Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro**

A cidade do Serro, antiga Vila do Príncipe, está localizada na Serra do Espinhaço, região do Alto Jequitinhonha, norte do Estado de Minas Gerais, a 311 quilômetros de Belo Horizonte e a 90 quilômetros de Diamantina. Com a descoberta do ouro, em 1702, escravos e funcionários da Corte Portuguesa chegaram à região trazendo na bagagem suas culturas e suas crenças. Esse processo de misturas e hibridismo religioso deu origem a uma manifestação folclórico-religiosa que tem suas origens no Congado: a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

A Festa do Rosário da cidade do Serro mescla rituais religiosos - novenas, missas e procissões - e folclóricos – danças, músicas e desfiles dos grupos de dançantes, como os Marujos, os Catopês e os Caboclos. Os dançantes vestem idumentárias, usam acessórios, tocam instrumentos musicais, entoam canções e dançam de acordo com a especificidade de cada grupo, seguindo rituais remanescentes da cultura africana, com forte colorido coreográfico e presença marcante da percussão nas músicas.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário é uma manifestação cultural reconhecida como patrimônio cultural imaterial da cidade. Conforme a convenção da UNESCO<sup>4</sup> para a Preservação e Promoção de Bens Culturais Imateriais, são consideradas como patrimônio imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - as festas, religiões e expressões populares. Os componentes simbólicos e ritualísticos da Festa de Nossa Senhora do Rosário – danças, músicas, indumentárias, orações, acessórios - são representações que comunicam identidades e produzem mediações culturais, ao mesmo tempo em que promovem a interação social e a propagação cultural. Na Festa, a comunicação se apresenta como “processo em que imagens, representações são produzidas, trocadas, atualizadas no bojo das relações” (FRANÇA, 2004, p. 10). Nesta perspectiva, buscar analisar as situações comunicacionais

---

<sup>4</sup> UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, realizada em 2003, determina as diretrizes para a salvaguarda do patrimônio imaterial, bem como expressões sociais, culturais e artística. Disponível em:

<<http://www.brasília.unesco.org/areas/cultura/areastematicas/patrimoniomaterial> > Acesso em: 10 Ago. 2008.

circunscritas na festa a partir dos elementos simbólicos e seu processo de mediação cultural, significa compreender a maneira como ela se mantém como referência identitária e, portanto, patrimônio da coletividade.

O gesto de cultura (fala, dança, criação, comportamento), em situação de auto-explicação, já não é apenas movimento de participação e de identificação do indivíduo na comunidade. É também expressão consciente desse identificar-se – é comunicação (aos iguais e aos diferentes) da opção feita. Corresponde a uma seleção entre diversos jogos e atuação consciente sobre suas regras, via interação social. É nesta perspectiva que o gesto cultural nos interessa. (BRAGA, 2001, p.35-36).

A Festa tomada como processo de interação mediada pelos ritos, mitos e atos comunicativos performáticos, permite que se reconheça nela própria a comunicação como prática social onde os eixos de representações e mediações se cruzam, formando um campo de confluência e convergência.

Para a historiografia oficial, a Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro tem suas origens na época colonial, e está relacionada à Batalha de Lepanto<sup>5</sup>. No entanto, para a população do Serro, a história é outra. Os repertórios nativos baseiam-se em mitos populares que, compartilhados entre os membros da comunidade e os grupos que compõem a festa, criam uma espécie de devaneio, uma narrativa que serve como justificativa às representações e simbolismos adotados durante as celebrações. Os relatos buscam uma reconstrução histórica e mítica, fundindo a história de ocupação da região a antigos mitos populares sobre aparições da Virgem Maria, em que marinheiros, índios e negros são apontados como responsáveis pelo início do culto. De acordo com uma lenda histórica contada no Serro, segundo a qual, certa época, Nossa Senhora do Rosário apareceu sob as águas do mar e três grupos dançaram e cantaram na intenção de tirá-la de lá.

“(…) primeiro os Caboclos foram lá, cantaram, cantaram, cantaram na beira do mar. Nossa Senhora do Rosário apareceu, eles chamaram, chamaram, ela não quis vir com eles. Aí, vieram os Marujos, cantaram, cantaram, cantaram. Nossa Senhora apareceu, eles chamaram, chamaram Nossa Senhora do Rosário, ela não quis vir com eles. Aí, finalmente, foram os Catopês. E quando eles chamaram Nossa Senhora veio com eles. Então, a partir daí a idéia é que Nossa

---

<sup>5</sup> Batalha de Lepanto: Em 1571, ocorreu uma das maiores batalhas navais da história, conhecida como a "batalha de Lepanto". Nela, os navios católicos, em muito menor número, venceram os navios dos Mouros muçulmanos, que queriam invadir a Europa.

Senhora do Rosário é protetora dos negros, porque os Catopês são todos negros.”<sup>6</sup>

Com a influência da Igreja Católica, os negros acabaram recriando suas manifestações, dando novo sentido às suas tradições. Assim, para realizar a festa, foi criado o Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Serro, datado de 1728, revisado e aprovado pela Igreja Católica. O que se percebe na festa é um autêntico sincretismo religioso, em que os rituais católicos e congos se hibridizam harmonicamente, sem deixar transparecer os limites de cada celebração.

Todos os anos, no primeiro sábado do mês de julho, o grupo conhecido como Caixa de Assovios dá início à Matina. Às 5 horas da manhã, após o repique dos sinos, ouve-se o tocar dos pífanos ou pífaros<sup>7</sup> e das caixas de couro, um som que representa o gemido dos escravos nas senzalas, produzido pelos tocadores da Caixa de Assovios. A Matina é o momento em que os fiéis e devotos vêm pedir a benção à Santa para a realização da festa. Após os cantos na porta da igreja, o sacristão abre lentamente a porta principal e, com as luzes ainda apagadas, todos entram ao som da Caixa de Assovios para pedir as bênçãos à Virgem do Rosário.

No sábado, ao meio dia, ouve-se novamente o repique dos sinos e os fogos de artifício por todo o Serro. É um sinal de que a cidade está em festa. No sábado à noite, um cortejo com os membros da Caixa de Assovios, juntamente com os grupos de dançantes (Catopês, Marujos e Caboclos), buscam a bandeira de Nossa Senhora do Rosário na casa do Mordomo e a conduzem até a igreja, onde acontece a festa de levantamento do Mastro, organizada e financiada pelo Mordomo.

No domingo, segundo dia de festa, às 6 horas da manhã, os grupos dos Catopês e da Caixa de Assovios convidam os festeiros para a formação do Reinado e têm a incumbência de levá-los à igreja para a celebração eucarística. Com a formação do Reinado (1º Juiz, 1º Juíza, 2º Juiz, 2º Juíza, Rei, Rainha) junto com os grupos de dançantes e tocadores (Caboclos, Catopês, Marujos e Caixa de Assovios), as mucamas

---

<sup>6</sup> GONÇALVES ALMEIDA, Ari. 06 mar 2009. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Ariel Lucas Silva e Vanessa Marques da Silva.

<sup>7</sup> Nesse trabalho adotaremos a nomenclatura “pífaros”, de acordo com o nome que os próprios integrantes do grupo de tocadores dão a esse instrumento.

(meninas que carregam os sombreiros, estandartes, bandeiras e a capa do Rei e da Rainha), a procissão segue até a igreja do Rosário para a missa festiva. As celebrações do domingo prosseguem com o almoço oferecido pelo Rei e encerra com o jantar na casa da Rainha da festa.

Dessa forma, a festa, que acontece há mais de trezentos anos, se apresenta, hoje, como um dos ícones da cultura do Serro. Como acontece em diversas cidades do estado de Minas Gerais, as festas religiosas cumprem um duplo papel na sociedade: acima de tudo, estas festas são o meio pelo qual os devotos se ligam ao sagrado, manifestando a fé; mas, quando se tornam expressão consciente de uma forma de expressão e de identificação, fazem parte da relação social e também se firmam como gesto cultural.

### **A festa, a cultura e a comunicação**

Cultura é algo que faz parte de uma realidade em que a comunicação é um aspecto fundamental. Seja em forma de símbolos, atos ou dialetos, o homem cria e se apropria de conhecimentos e experiências que são repassados e tomados como identidades, tornando-se algo concreto dentro de suas crenças e comunidades, ou seja, cultura é uma forma de conhecimento adquirido e repassado dentro do contexto social.

Para além de uma concepção sociológica que define a cultura como um conjunto de atividades, práticas, produtos que pertencem às belas artes e às belas letras, à literatura, a perspectiva antropológica de cultura a define como um conjunto articulado de crenças, e valores que orientam a vida, à maneira como é expressa a memória, as narrações e também a música, atividades como bordar, pintar, ou seja, existe um prolongamento do conceito de cultura (MARTÍN-BARBERO, 2003).

A partir de meados do século XX, com o surgimento na Inglaterra pós-guerra, dos chamados Cultural Studies que priorizava a investigação das práticas de resistência de subculturas e a análise dos meios massivos de comunicação e consumo cultural, fez-se uma ampliação desse conceito de cultura, partindo de dois eixos complementares:

Primeiro: a cultura não é uma entidade monolítica, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Segundo: a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas – expressas mais naturalmente através do discurso da representação – que podem tanto mudar a história como transmitir o passado. (ESCOSTEGUY, 2000, p. 156).

Assim, pode-se afirmar a cultura como um conjunto de representações, compartilhadas por pessoas de um mesmo grupo nos mais diversos espaços sociais. A cultura interfere diretamente no processo de [re]conhecimento e [re]apropriação de tais representações pelo indivíduo, já que, junto à história e ao cotidiano, a cultura forma o contexto em que o sujeito está inserido, ou ainda, forma as referências pelas quais ele filtra e [re]interpreta tais representações.

A partir desta perspectiva, percebe-se na Festa de Nossa Senhora do Rosário um ambiente propício em que as manifestações culturais, articuladas pelas práticas comunicativas dos elementos identitários da festa, dialogam com os festeiros, fiéis, turistas e moradores do Serro, justamente por ela comportar e apresentar um compartilhamento de representações e ritos que envolvem as mais diversas pessoas, nos mais diversos espaços da cidade. E é nesse espaço, “compreendido como o ambiente onde as práticas se realizam” (CERTEAU apud BRETAS, 2006, p.31) e que compartilhamentos simbólicos se realizam por meio das práticas comunicativas dos rituais e performances que a identidade tanto individual quanto coletivamente são reafirmadas anualmente.

Segundo Hall,

A identidade individual ou coletiva não é algo dado, mas em permanente construção, e se constrói narrando-se, tornando-se relato capaz de interpelar os demais e deixar-se interpelar pelos relatos dos outros (HALL, 1998, p. 10).

Identidade e diferença são, portanto, interdependentes, são representações simbólicas e, como representações, atuam classificando o mundo e determinando os sujeitos e as relações sociais. Neste sentido, é possível afirmar que os grupos de dançantes da Festa do Rosário se caracterizam por sua função simbólica dentro do contexto da festa e suas representações determinam o lugar que cada um ocupa dentro da manifestação e atribui valores a cada grupo de acordo com a função que desempenha. Essa classificação contribui para a formação identitária e diferenciação de cada grupo dentro do contexto da festa, ao mesmo tempo em que configura o coletivo histórico compartilhado.

De acordo com as abordagens de Hall (1998), a identidade constitui um processo de construção temporal, pois é formada e transformada continuamente em relação às

formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. A partir da noção contingente, contextualizada e relacional da identidade, reconhece-se que a multiplicidade e a diversidade inauguram uma perspectiva de reconhecimento da cultura, como uma longa conversa entre partes distintas, onde convivem sujeitos dos mais diferentes matizes<sup>8</sup>.

Os estudos sobre narrativas identitárias com enfoques teóricos que levam em conta os processos de hibridação (Hannerz; Hall) mostram que não é possível falar das identidades como se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação. A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloqüência. (CANCLINI, 2003, p. XXIII).

A formação de uma identidade cultural - e coletiva - é um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, as festas, dentre outros. É um processo dinâmico, de construção continuada, que move os valores, o folclore e uma diversidade de sentimentos impregnados nas mais variadas sociedades do mundo.

A identidade cultural seja individual ou coletiva, revela a característica dos grupos sociais que partilham as mesmas atitudes e que se apóiam em narrativas sobre o passado transformado em ideal coletivo.

No caso aqui estudado, os dançantes que compõem o grupo de congado do Serro estão apoiados em um passado histórico e comungam, como católicos, da mesma devoção à Virgem do Rosário. Além disso, compartilham diversos elementos que constituem a paisagem visual da festa. Esse compartilhamento aproxima-os e os une em torno do mesmo ideal, reforçando o entendimento da festa como manifestação religiosa e cultural, uma vez que a formação da identidade se fixa como uma construção social estabelecida e faz os indivíduos se sentirem mais próximos e semelhantes (HALL, 1998).

---

<sup>8</sup> Conjunto de cores diversas bem combinadas, cada uma das gradações de uma cor, beleza de colorido. Fonte: Miniaurélio Século XXI Escolar. 4.ed. rev. Ampliada, 2000, p. 451.

Podemos descrever a paisagem visual da Festa do Rosário do Serro como uma mistura intrigante de cores, adereços, roupas, pinturas. Os Caboclos, que representam os índios catequizados pelos jesuítas, seguem enfeitados com colares, cocares e saiotos com penas multicoloridas, fitas, pulseiras e tornozeleiras. A indumentária dos Caboclos é completada por blusas, geralmente vermelhas, acompanhadas de um colete enfeitado com bijuterias que simbolizam pedras preciosas. Os Caboclos promovem um desfile alegórico que percorre as ruas da cidade, encenando coreografias, ao som de tambores e sanfonas. Os arcos e flechas são utilizados para dar ênfase às batidas dos tambores e à música. Os Marujos, que representam a Marinha e a Esquadra Portuguesa na luta contra os Mouros, usam fardas brancas, com detalhes azuis e vermelhos, gorros ou chapéu de duas pontas, com frisos azuis, numa alusão ao uniforme da Marinha Brasileira. No meio da Marujada, uma banda com tamborins, cavaquinhos, banjo, violas, pandeiros, xiquexique, caixas de coro e flautas animam este grupo de dançantes.

Os Catopês representam os negros e fazem a dança principal da festa. Segundo a Lenda de Nossa Senhora do Rosário, foram eles que tiraram a Santa do mar, daí sua importância em relação aos outros dançantes. As roupas utilizadas pelos Catopês são bem parecidas com o colorido dos Caboclos, mas com um diferencial. Os adornos utilizados são maiores e em maior quantidade: utilizam-se capacetes com penas, capa de chitão com várias cores, colares, pulseiras, bijuterias de todos os tipos, espelhos, fitas penduradas nos capacetes, calça, camisa e tênis. Este grupo de dançantes possui vários instrumentos como: caixas de coro, xiquexique, reco-reco, tamborins, entre outros.

Quando os dançantes da festa incluem novas danças, novas formas de cantar, incorporam novos tecidos às suas vestimentas, compram um instrumento musical moderno ou quando os organizadores da festa convidam os grupos de congado de outras cidades para participarem dos festejos, por exemplo, eles estão juntando à sua forma de fazer tradicional novos elementos que revelam a dinamicidade da cultura. Longe de representar riscos aos sentidos originais da Festa, tais processos, pelo contrário, parecem integrar um processo de revitalização e atualização.

A absorção de elementos outros pela comunidade do Serro ao fazer a Festa de Nossa Senhora do Rosário é o resultado da construção dinâmica da cultura. O confronto com uma verdadeira gama de identidades culturais é traço marcante da contemporaneidade e tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma

variedade de possibilidades e novas posições de identificação, que confirmam ser as identidades na contemporaneidade menos fixas, mais dinâmicas, fragmentadas e abertas a trocas. (HALL, 1998).

Abaixo podemos ver os grupos de dançantes, o Rei e a Rainha da Festa do Rosário com suas indumentárias, seus instrumentos e adereços:



**Figura 1 - Grupo dos Catopês**



**Figura 2 - Grupo dos Caboclos**



**Figura 3 - Grupo dos Marujos**



**Figura 4 – Rainha e Rei | Ano 2008**

### **A Festa do Rosário do Serro como comunicação e mediação**

Existem modelos de comunicação que, tanto a partir da pesquisa quanto da experiência dos movimentos culturais, convergem para o reconhecimento da competência comunicativa das comunidades e para a natureza negociada, transacional da comunicação. A comunicação representa o compartilhamento da experiência criativa, reconhecimento das diferenças e abertura para o outro. Nesta perspectiva, o comunicador deixa, portanto, de figurar como intermediário para assumir o papel de mediador. Ou seja, deixa o lugar daquele que se instala na divisão social e que defende

o seu ofício como uma comunicação na qual os emissores-criadores continuam sendo uma pequena elite e as maiorias sendo apenas receptores, e passa a assumir o papel daquele que trabalha para diminuir o espaço das exclusões. Essa reconfiguração do comunicador como mediador volta-se basicamente para o entendimento da comunicação como “a colocação em comum de sentidos da vida e da sociedade” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 69).

As relações da cultura com a comunicação têm sido freqüentemente reduzidas ao mero uso instrumental, divulgador e doutrinador. Essa relação desconhece a natureza comunicativa da cultura, isto é, a função constitutiva que a comunicação desempenha na estrutura do processo cultural, pois as culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras e esse comunicar-se comporta um denso e arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos (idem, p.68).

Nesta perspectiva a comunicação é vista como um processo em que os meios não são mais o ator da comunicação, mas sim um dos atores entrelaçados a outros atores também importantes. Comunicar é tornar possível que homens reconheçam outros homens em um duplo sentido; reconheçam seu direito a viver e pensar de maneira diferente; e reconheçam a si mesmos nessa diferença (MARTÍN-BARBERO, 2003). De algum modo, mudou-se a noção de comunicação, ampliando o processo comunicacional para além da transmissão de informação, isto é, considerando o gesto cultural (seja em forma de fala, modo de fazer ou dança, por exemplo) também como práticas comunicativas.

A função simbólica (dita de simbolização ou representação) pode ser definida como uma função mediadora que informa as diferentes modalidades de apreensão do real, quer opere por meios dos signos lingüísticos, das figuras mitológicas e da religião, quer pelo conhecimento científico. (CHARTIER apud CASSIRER, 1990, p.19). Designa-se, assim, por forma simbólica todos os processos que constroem o mundo como representação.

Representações podem ser tomadas como sinônimo de signos, imagens, formas e conteúdos de pensamento, atividade representacional dos indivíduos, conjunto de idéias desenvolvidas por uma sociedade (FRANÇA, 2004, p.14).

A perspectiva dos Estudos Culturais reflete sobre o que constitui as representações e o seu entrelaçamento com o imaginário. Stuart Hall (1997) chama a

atenção para a importância de nos atermos à dimensão material das representações. Para o autor, as representações consistem em uma expressão materializada de alguns fragmentos do imaginário social. Desse modo, Hall procura fundar a noção de representação no terreno da comunicação e cultura, considerando representação como a produção de significados construídos através da linguagem e trocados entre os membros de uma cultura – aqui tomada como um conjunto de valores compartilhados por um grupo ou uma sociedade.

Ainda segundo o autor, a representação, ao articular um mapa conceitual de idéias e linguagem, é a prática que nos possibilita conferir significado ao mundo e compartilhá-lo em alguma medida com o outro, levando-nos a pertencer à mesma cultura e a construir um mundo social.

As representações fazem parte da vida cotidiana das pessoas: “é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada que se manifesta em elementos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias)” (HALL, 1997, p. 102). Essa forma de conhecimento contribui para a construção de uma realidade comum, pois ela possibilita a comunicação entre as pessoas e modela seu comportamento. E é justamente por isso que a linguagem (seja ela verbal ou não) é o meio através do qual pensamentos, idéias e sentimentos são organizados na cultura, ou seja, é elemento central no processo de constituição de representações.

Tomando o conceito de representação num sentido mais restrito, a sua pertinência operatória para tratar os objetos analisados por esse trabalho resulta em duas ordens de razões distintas. Em primeiro lugar, as ordens de definições anteriores do termo manifestam a tensão entre dois conjuntos de sentidos: por um lado, a representação inclinada a ver uma coisa ausente; por outro, a representação como exibição de uma presença – como representação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediado que faz ver um objeto ausente por meio de uma imagem capaz de reconstruir o objeto e figurá-lo tal como ele é. Algumas dessas imagens são matérias e semelhantes, como as vestes do Rei e da Rainha, com manto, cedro e coroa durante a Festa do Rosário do Serro, que mostram o que já não é mais visível. Em um segundo sentido, as representações são pensadas num registro diferente: o da relação simbólica, que consiste na representação de um ponto moral através das imagens. O grupo de Catopês, que representa os escravos que retiraram a imagem de Nossa Senhora do mar, usam uma capa de pano de

chita que simboliza a materialização do desejo do negro se sentir Rei e Senhor de sua vida. A capa dos Catopês, além de protegê-los do frio do Serro, é a tradução do poder dado à minoria, aos excluídos. Quando o grupo de Catopês sai pelas ruas da cidade vestindo suas capas coloridas, eles estão comunicando que são, em importância, tal e qual à elite opressora do século XVIII.

Vera França (2004) considera a comunicação como troca, interação, situação comunicacional que circunscreve a relação. A Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro, articulada por práticas comunicativas, acontece como processo de interação que vem, com o passar dos anos, se atualizando e se moldando como manifestação a partir do sincretismo religioso e cultural que se faz presente na cidade, onde seus elementos representativos e identitários originais são tensionados com o presente, fruto de novas mediações sócio-comunicativas.

Segundo Vera França, as

Mediações (grosso modo) se referem às nossas práticas sociais, à nossa inserção na cultura, na história e no cotidiano (...). A análise das mediações nos desloca do terreno das representações, das imagens, dos produtos em si mesmos, e nos conduz para o terreno da experiência – terreno da história, da cultura, da vida cotidiana, que intervêm nos processos de apropriação. (FRANÇA, 2004, p. 8).

Assim, podemos pensar a comunicação sob o prisma da ação dos homens no mundo e resgatar os contextos sócio-culturais e históricos em que essa ação acontece. As músicas, as indumentárias, as danças, as orações e os instrumentos musicais dos grupos de dançantes da Festa do Rosário atuam como mediadores entre os festeiros e demais participantes da festa, seja o devoto católico, demais moradores do Serro ou turistas. Os elementos identitários da festa possibilitam uma maior aproximação e identificação com a festa, atuando como processo de trocas simbólicas entre os indivíduos e seus grupos de pertencimento.

Para um aprofundamento das práticas comunicativas da Festa e das mediações que realiza, entre os de dentro, os de fora, seria necessário, conforme aponta França (2004), recortar imagens, representações, e analisá-las de distintas maneiras: interpretar seus significados; analisar sua organização formal, seu diálogo com outras formas e produtos, reconstruir textos, perceber as intertextualidades. Mas estudar o cruzamento desses movimentos é um desafio a mais.

A partir da compreensão do campo da comunicação e sua relação com o gesto cultural, foi possível identificar os símbolos, as representações e as dinâmicas do ritual contidas na Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro como realidades simultaneamente culturais e comunicacionais.

Quando os sinos da igreja do Rosário repicam, às 5h da manhã, anunciando o início da Matina, quando os fogos de artifício iluminam o céu da cidade do Serro, quando o som dos tambores ecoa pelas frias montanhas de pedra do Serro, e a porta da igreja se abre para receber uma manifestação incendiada de penas e fitas coloridas, é sinal que o Rosário está em festa. E, nesse momento, os fiéis cantam, dançam, oram e assim fazendo comunicam entre si e com os não devotos, seus pertencimentos identitários, ao mesmo tempo ancestrais e atuais.

A Festa representa o exercício da manutenção de ritos através dos quais uma força maior que identifica e justifica cada indivíduo presente é atualizada. Uma força maior que se chama fé, e que só pode ser compreendida se tivermos acesso ao universo simbólico que a constitui como verdade compartilhada e comunicadas pela festa.

### **Referências bibliográficas**

BRAGA, J. L. **Constituição do Campo da Comunicação**. In: FAUSTO NETO, A.; PRADO, J. L. A. e PORTO, S. D. (orgs.). Campo da Comunicação. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p.11-39.

BRETAS, B. **Interações cotidianas**. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. (orgs.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 29-42.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade** / Nestor Garcia Canclini; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; trad. prefácio à 2º ed. Gênese. 4 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003 – (Ensaio Latino-Americano, 1).

ESCOSTEGUY, A. C. **Uma introdução aos Estudos Culturais**. Revista Famecos. Porto Alegre, nº9, dezembro de 1998. Semestral. Disponível em <[http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/9/Ana\\_Carolina.pdf](http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/9/Ana_Carolina.pdf)>. Acesso em: 4 Nov 2007.

FRANÇA, V. **Representações, mediações e práticas comunicativas**. In: PEREIRA, R.C.; FIGUEIREDO, V.F. (orgs.). Comunicação, representação e práticas sociais. Rio de Janeiro; Aparecida: Editora PUC - Rio: Editora Idéias&Letras, 2004. p.13-26

\_\_\_\_\_. **Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação**. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. (Orgs.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.61-88.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende et. al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

MARTÍN-BARBERO, J. **Comunicação e mediações culturais**. Revista Diálogos Midiológicos. São Paulo, Vol. XXIII, nº 1, janeiro/junho de 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-sergio-salustiano-identidades-culturais.pdf>>. Acesso em 08 de janeiro de 2009.

MIRANDA, A. R. de. **Sêrro: Três séculos de história**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1972.

NETO, M. de A. **Origens históricas do conceito de cultura e seus desdobramentos no mundo contemporâneo**. Texto do curso à distância Gestão Contemporânea da Cultura, promovido pela DUO Informação e Cultura em parceria com a COMUNA SA. Belo Horizonte, 2006.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Construção das políticas internacionais de referência para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Material didático do curso Patrimônio Imaterial: Políticas e Instrumentos de Identificação, Documentação e Salvaguarda. UNESCO, DUO Informação e Cultura, COMUNA S.A. com plataforma de Educação à Distância da DUO Informação e Cultura ([www.duo.inf.br](http://www.duo.inf.br)), 2008.

\_\_\_\_\_. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. 32, 2003, Paris. IPHAN, 2003. 8p.